

## **Estudantes do IFF relatam experiência de um mês na Universidade de Coimbra**

*Entrevista com o estudante Raul Avilez Rodrigues, 26 anos, da Licenciatura em Biologia do Campus Cabo Frio:*

**Portal do IFF:** Como foi a experiência de ter sido selecionado para o estágio em Portugal?

**Raul:** Foi a minha primeira viagem internacional e é claro que tive inúmeros receios no início. No entanto, recebi total apoio do setor da Pró-reitoria de Pesquisa, Pós-graduação, Inovação e Extensão e do setor de Internacionalização da Reitoria do IFF, que nos acompanhou de forma muito cuidadosa em todas as etapas.

Tivemos quatro reuniões preparatórias apenas para tratar das questões documentais e de estadia. Fomos até apresentados a um ex-estudante do IFF que atualmente cursa a universidade em Portugal, o que trouxe muita tranquilidade para mim e para os outros intercambistas. A partir desse suporte, tudo fluiu de forma muito natural, e a ansiedade foi se transformando em segurança. No fim das contas, viver esse mês em Portugal foi uma experiência magnífica.

**Portal do IFF:** Como foi sua rotina durante o mês em Portugal?

**Raul:** A minha rotina na Universidade de Coimbra foi bastante dinâmica e enriquecedora. Participei de aulas, atividades de pesquisa em campo, experiências em laboratório e também de programações culturais promovidas pela universidade. Tive ainda a oportunidade de apresentar meu projeto intitulado "**Alimentação como ação política: promoção da alimentação saudável e sustentável com as juventudes**" diretamente à minha professora orientadora, o que foi um momento muito importante para mim.

Logo no início, fomos recepcionados pela vice-reitoria e apresentados aos setores responsáveis pelos nossos documentos na UC e aos professores orientadores específicos das nossas áreas. Cada estudante teve um plano personalizado de atividades, além das ações coletivas como visitas guiadas aos laboratórios e aos *campi*. Como meu campo de estudo é segurança alimentar, tive encontros específicos com a professora Ana Sanches, da Faculdade de Farmácia, que é uma referência na área.

**Portal do IFF:** O que foi mais significativo nessa experiência?

**Raul:** Sem dúvida, o mais marcante foi o processo de integração. Em todos os espaços por onde passei, fui muito bem acolhido. Confesso que fiquei até um pouco tímido ao ser apresentado como "cientista premiado do Brasil" — rótulo que usaram com muito carinho, e que, querendo ou não, tive que aceitar como parte da minha trajetória. Isso acabou facilitando bastante a interação com os outros estudantes, que demonstraram grande interesse em conhecer meu trabalho, e eu o deles.

Essa troca gerou uma convivência muito rica, com aulas, pesquisas e experiências compartilhadas com estudantes da graduação, do mestrado e do doutorado. Tive a sorte de acompanhar atividades com a professora de

Biologia da UC, Filipa, que era a professora orientadora da minha colega de curso também premiada no mesmo eixo que eu, Juliana, - o IFF Cabo Frio ganhou as duas modalidades do eixo 2 do Confict e isso me orgulha muito - e participei de dinâmicas em diversas línguas — falava português nas turmas de graduação e mestrado, e inglês ou espanhol com os doutorandos. Foi, sem dúvida, uma verdadeira aventura acadêmica e cultural.



**Portal do IFF:** Como foi o contato com estudantes de outras nacionalidades e pesquisadores?

**Raul:** O contato com estudantes de outras nacionalidades e com pesquisadores foi constante e extremamente enriquecedor. A Universidade de Coimbra abriga estudantes de mais de cem nacionalidades — um dado que era frequentemente mencionado e que se refletia no nosso cotidiano. Essa diversidade cultural ampliou muito nosso repertório e nossa vivência acadêmica e pessoal.

Durante o período, tive a oportunidade de conhecer e fazer amizade com estudantes de diversos países como Cabo Verde, Angola, Itália e Espanha. As trocas eram muitas vezes atravessadas por desafios linguísticos, o que exigia certa flexibilidade na comunicação. Em algumas situações, utilizávamos o inglês como língua franca; em outras, tentávamos nos adaptar com palavras em espanhol ou até mesmo nas línguas maternas dos colegas.

Embora eu não tenha domínio pleno do inglês, consegui me comunicar de forma funcional e leve, o que foi suficiente para estabelecer vínculos. Além

disso, por estarmos sempre em núcleos coletivos, as conversas acabavam sendo mediadas por outros estudantes, tornando o processo ainda mais colaborativo. Em ambientes como os laboratórios, por exemplo, essa dinâmica mudava um pouco, pois os diálogos exigiam mais precisão, mas mesmo assim a troca fluía. Essa convivência multicultural foi, sem dúvida, um dos grandes aprendizados da experiência.

**Portal do IFF:** Desta experiência, o que você acredita que levará para a vida?

**Raul:** Levo comigo tudo o que vivi nessa experiência, mas o que mais permanece é a certeza de que investir em ciência é essencial. E mais do que isso: é urgente lutar para que não haja limites de repasse ou cortes orçamentários às universidades e institutos federais.

Como estudante, me entristece profundamente ver o impacto dos cortes na educação — sem investimento, não há como proporcionar experiências como a que eu vivi em Coimbra. Tivemos, há alguns anos, o programa Ciência Sem Fronteiras, que permitia levar estudantes brasileiros ao mundo todo. E é importante frisar: esse investimento não era “para fora”, era em nós, em nosso território, em nossa formação e hoje não existe mais por cortes no orçamento da educação brasileira.

Estar fora do Brasil me fez voltar mais brasileiro. Aqui, no cotidiano, ser brasileiro é algo natural. Mas é ao estar fora que a gente comprehende a grandiosidade da nossa identidade, da nossa cultura, e do valor dos nossos cientistas. Exemplos como o da cientista brasileira da USP, Jaqueline Goes de Jesus, que com uma bolsa de pós-graduação participou da equipe que sequenciou o genoma do coronavírus em apenas 48 horas — mais rápido do que empresas multinacionais com grandes investimentos — revelam a força da ciência brasileira. Isso mostra que, apesar das dificuldades, os nossos cientistas fazem ciência, extensão e ensino com excelência. Um cenário com mais investimento não só elevaria a qualidade, mas também permitiria que mais pessoas tivessem acesso a essas oportunidades.

**Portal do IFF:** Vislumbra alguma oportunidade futura a partir dessa experiência?

**Raul:** Sim. Estou estudando possibilidades para o futuro, inclusive em Portugal. A experiência despertou em mim a expansão de alguns projetos. No entanto, me deparei com uma realidade desafiadora: embora o ensino seja público, não é gratuito. Estudantes europeus pagam valores simbólicos, mas quem vem de fora da União Europeia — como nós, brasileiros — paga a mensalidade integral, que gira em torno de sete mil euros por ano. É um valor que não condiz com a nossa realidade.

Durante minha estadia, tive a oportunidade de participar de uma atividade com a cantora Adriana Calcanhotto, representante cultural de Coimbra no Brasil. Em sua fala, ela destacou que aquele espaço ainda é majoritariamente ocupado pela elite. E tem razão: sem políticas públicas que garantam acesso e permanência, não há como ampliar a diversidade neste ambiente.

Essa comparação só me fez valorizar ainda mais a educação pública brasileira. Apesar das dificuldades, nossas universidades e institutos são espaços de resistência e de produção de conhecimento de altíssimo nível. A educação no Brasil precisa ser fortalecida, com políticas de assistência

estudantil e investimentos consistentes, para que mais jovens possam não apenas sonhar, mas realizar trajetórias como essa.